A DUPLA VIDA DO PESQUISADOR: etnografia da conversão ao pentecostalismo de membros do PCC na zona leste de São Paulo

Vagner Aparecido Marques
Mestre em Ciências da Religião – PUC/SP

RESUMO: Este artigo apresenta algumas inquietações em campo, durante a pesquisa realizada para o mestrado em Ciências da Religião pela PUC-SP. Os registros apresentados são resultado de entrevistas com Kadu, personagem principal da pesquisa, membro do PCC e de uma denominação pentecostal . O objeto central da pesquisa está no questionamento referente ao ato da conversão ao pentecostalismo, sobretudo o binômio conversão = rupturas, que se sustentou como verdade fundamental ao longo de décadas na Sociologia da Religião e nos estudos sobre o pentecostalismo, mas que, em análises de campo, mostrou-se cada vez menos sólido. Ao converter-se ao pentecostalismo, Kadu não deixou de ser "irmão" do PCC para tornar-se "irmão" da igreja, e essa metamorfose em sua trajetória exigiu alguns cuidados no campo de pesquisa. Tais cuidados serão discutidos neste texto a fim de contribuir para a discussão sobre o papel do pesquisador no campo, seus posicionamentos, proximidade com o objeto e a necessidade de um distanciamento para análise dos dados e das fontes levantadas. Também serão questionados aspectos éticos e as observações (declaradas e não-declaradas) realizadas durante o momento da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Pentecostalismo; PCC; conversão.

ABSTRACT: This paper presents some concerns that have arisen during the fieldwork that is part of a research for Master's Degree in Religious Sciences at PUC-SP. The records presented here are the result of interviews with Kadu, main character of the research, member of PCC (an important criminal organization in Brazil) and of a Pentecostal denomination. The central purpose of the research is the questioning related to the act of conversion to Pentecostalism, especially the binomial conversion = rupture, which has been assumed as a fundamental truth for decades within the Sociology of Religion and the studies on Pentecostalism. However, during the fieldwork this idea became increasingly less solid. When he converted to Pentecostalism, Kadu has not given up on being a "brother" in PCC to become a "brother" at Church and this metamorphosis in his path has required some caution during the fieldwork. This caution will be discussed in this paper with the aim of contributing to the debate about the researcher's role in the field, his/her positions, the proximity to the object and the need to get some distance to analyze data and sources gathered. There will be some questioning about ethical aspects and observations (declared or not) made during the research.

KEYWORDS: Pentecostalism; PCC; conversion.

Introdução

Este texto apresenta algumas inquietações que me afligiram no campo de pesquisa durante a realização de minha dissertação de mestrado em Ciências da Religião junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP. Os registros apresentados são resultado de entrevistas com integrantes da família de Kadu[1], personagem principal da pesquisa.

O objeto central da pesquisa é o ato da conversão ao pentecostalismo, sobretudo o binômio *conversão = rupturas* encontra-se em fase de questionamento, visto que se tratou de crença sustentada por décadas na Sociologia da Religião e nos estudos sobre o pentecostalismo.

A figura de Kadu nos colocou diante de profundos questionamentos a respeito das estruturas analíticas que sustentam o pentecostalismo, pois em sua trajetória de vida encontramos a manutenção de sua presença junto ao PCC até mesmo após o batismo em uma denominação pentecostal, tal ato não foi acompanhado por rupturas, mas sim continuidades, estas pouco captadas na Sociologia da Religião. Kadu é uma figura com "dupla irmandade", pois sua primeira conversão acompanhada do rito de batismo ocorreu no seu ingresso ao Primeiro Comando da Capital[2] (PCC), e a segunda foi resultado de sua conversão e batismo a uma denominação pentecostal no extremo leste de São Paulo.

Kadu não deixou de ser "irmão do Partido[3]" para tornar-se "irmão da Igreja", e essa metamorfose em sua trajetória exigiu alguns cuidados de nossa parte no campo de pesquisa. Tais cuidados serão apresentados neste texto a fim de contribuir para a discussão sobre o papel do pesquisador em campo, seus posicionamentos e o delicado ponto de equilíbrio entre a natural proximidade e o necessário distanciamento do objeto pesquisado para a análise dos dados e das fontes levantadas.

Também serão discutidos aspectos éticos no envolvimento da pesquisa, as modalidades de observação (declaradas e não-declaradas), o privilégio da entrada em campo e contato com os interlocutores, os diversos posicionamentos adotados pelo pesquisador durante a realização de seu trabalho, e como a dupla irmandade de Kadu confunde-se com a dupla vida do pesquisador.

[1] Por razões de sigilo e segurança com os interlocutores, os nomes dos entrevistados e do local da pesquisa foram alterados.
[2] O Primeiro Comando da Capital também é conhecido pela sigla PCC, que de acordo com o alfabeto congo, cada número representa uma letra, portanto, a sigla PCC é acompanhada do número 15.3.3.
[3] Termo utilizado por membros do PCC.

Apresentação

> Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais (DUARTE, 2002: 140).

A citação supracitada contribuiu significativamente para o posicionamento que deveria ser tomado durante a realização desta pesquisa. Embora existam múltiplos olhares possíveis sobre as estruturas que sustentam o pentecostalismo brasileiro, sua história europeia e estadunidense e a construção de mitos fundantes (ALENCAR, 2012), o processo de imigração de missionários europeus e seu acelerado crescimento nas últimas décadas,[4] poucos trabalhos buscaram centrar-se no interior da vida cotidiana, sobretudo nas diversas possibilidades de conversão e nas continuidades após a conversão, e não somente as rupturas.

Um novo olhar sobre o pentecostalismo me foi apresentado, principalmente com o envolvimento com uma igreja evangélica pentecostal[5] no extremo leste de São Paulo, no ano de 2006. A partir do contato com os membros dessa igreja, percebi ali uma significativa participação de indivíduos que mantiveram ou mantinham estreitas relações com o PCC; tais relações colocaram-me diante de uma nova perspectiva de olhar sobre o pentecostalismo. A conversão deixou de ser analisada exclusivamente como uma via que exigia rupturas e comportamentos ascéticos, e passou a ser compreendida também como uma extensão da vida anterior à conversão.

Durante décadas, sociólogos da religião, teólogos, historiadores, filósofos e estudiosos de diversas áreas enxergavam os evangélicos, das muitas denominações existentes, a partir de um estereótipo fragilmente pré-concebido. Tal estereótipo não pode mais ser sustentado hoje, pois a definição do que é ser evangélico ou pentecostal no Brasil está cada vez mais difusa e complexa, pedindo urgente compreensão e revisão por parte dos estudiosos da Sociologia da Religião. “O visual dos evangélicos avançou rapidamente

[4] Segundo o Censo de 2010 os evangélicos alcançaram um patamar de 22% da população brasileira, o catolicismo – outrora - hegemônico, apresentou uma significativa perda de fieis e mantem-se na liderança do campo religioso brasileiro com 64,6% da população. O crescimento dos evangélicos pôde ser sentido, sobretudo a partir de 1980, quando figuravam com 6,6% da população. Já na década seguinte passaram para 9,0% e no Censo de 2000 alcançaram sua maior taxa de crescimento passando para 15,4 % da população. Já o catolicismo, que na década de 1980 figurava como principal oferta de “bens de salvação” com 89% da população, manteve uma taxa de declínio nas décadas seguintes, caindo para 83% na década de 1990 e para 73,9% em 2000.

[5] O nome da igreja não será revelado por questões de sigilo.

nos últimos dez anos. Por isso, o estereótipo do crente, de Bíblia sob o braço, terno e gravata, não tem mais nada a ver com a realidade" (Caio Fábio, *O Globo*, 14/11/93).

Esse rápido processo de mudança no pentecostalismo pode ser sentido em diversas perspectivas. Neste texto, iremos atentar às questões relacionadas à conversão, não ignorando toda a complexidade existente no *ethos* pentecostal.

O ato da conversão de indivíduos com experiências prisionais, ou com "problemas com a lei", não deixou de seguir o binômio fortemente apresentado nos estudos sobre pentecostais. Teixeira (2009) analisa a conversão de "ex-bandidos" e a sujeição criminal de indivíduos que, embora optem pela conversão religiosa, tem em sua experiência anterior de delinquência um viés determinante para sua conversão. Essas pessoas apresentam nítido processo de ruptura com a vida de "bandido"; contudo, parecem estar sujeitos a carregar o fardo de terem sido bandidos, como se a vida pregressa não os abandonasse, ainda que esses indivíduos a rejeitem.

A continuidade com a vida no crime é determinada pela cosmogonia pentecostal, na qual o "Diabo" busca tentar os fiéis a se desviarem dos caminhos da santidade.

> Em estudos anteriores [Teixeira, 2008], observei que a conversão religiosa tem sido bastante apontada no discurso cotidiano das camadas populares como forma de "saída da vida do crime". Isto, em geral, aparece inscrito nos muros da cidade. Não somente no contexto da minha etnografia, mas em quase todas as metrópoles brasileiras, podemos observar escrito em muros, disputando espaço com pichadores e propagandas publicitárias: "Só Jesus salva". Diversos líderes pentecostais propagam a conversão religiosa como uma espécie de terceira via (contraposta à morte e à prisão) para estes indivíduos reconhecidos socialmente por sua subjetividade criminosa. E não obstante, afirmam que as ações dos "bandidos" têm causas espirituais: a condição de desviante é explicada pela influência do Mal (do Diabo, que é quase sempre identificado com as entidades das religiões afro-brasileiras) em sua vida, seja esta influência total (a possessão) ou apenas parcial (sugestiva) (TEIXEIRA, 2009).

Outros relevantes trabalhos observam a conversão ao pentecostalismo no ambiente prisional. DIAS (2008), por exemplo, analisa o processo de conversão religiosa na Penitenciária de São Vicente, entre os anos de 2003 e 2004. Ao retratar a realidade da identidade dos sujeitos, acentua:

> Na prisão (instituição total cujas disposições atuam direta e constantemente sobre a identidade de seus integrantes, mutilando-a e despedaçando-a continuamente), quando questões relativas à constituição de uma nova ou à transformação da velha identidade estão envolvidas, exige-se do indivíduo, rapidamente uma definição. Na prisão, não existe meio termo em relação ao que se é: ou o indivíduo

> é *malandro*, *bandido*, ou não é. Ou é *guarda* ou é *preso*. Ou é crente, ou não é (DIAS, 2008: 1004).

Podemos constatar que as definições são totalitárias, mas não esgotam a complexidade da realidade contatada no campo de pesquisa. A figura de Kadu transborda as definições e convidam os pesquisadores a refletir sobre uma nova sociologia da religião, agora levando em consideração o esgotamento das definições para as atuais realidades constatadas em campo de pesquisa. Kadu também provoca a reflexão sobre a entrada no campo e o papel do pesquisador no momento de realização de sua pesquisa, quais metodologias devem ser aplicadas a fim de se compreender as continuidades na conversão, sobretudo no caso do *irmão que virou irmão*[6], e os diversos modos de observação que vêm sendo ser realizados durante a pesquisa de campo.

Parte II

O pesquisador na Vila Leste: obstáculos enfrentados[7]

> Era uma manhã de sol de domingo e havia muitas coisas para fazer naquele dia. A igreja organizou um evento de Hip-Hop no Itaim Paulista e eu fui convidado para organizar a ordem de apresentação dos grupos, recepção dos rappers e auxiliava as partidas de basquete na quadra da escola. Tinham vários grupos de rap de diversas regiões da zona leste. Fiquei animado com a ideia de me envolver mais com a linguagem do hip-hop e o Kadu me apresentava a todos os grupos. Debaixo do sol intenso, os grupos se revezavam nas apresentações. Na quadra, muitos jogavam basquete, outros dançavam e a energia era intensa. Não tinha testemunhado tamanho envolvimento com a cultura hip-hop, mas já sentia que o cansaço e a fome davam sinais de vida. Queria muito ir almoçar e convenci o Kadu de que era necessária uma pausa. Ele me liberou, mas me pediu para levá-lo em sua casa para o almoço.

A articulação:

> No caminho fiquei pensando na articulação do Kadu, como a sua referência é importante para os moradores da Vila Leste e como ele estabelece contatos com os irmãos do partido e com os irmãos da igreja. Naquele dia, irmãos dos dois lados estiveram juntos e não houve conflitos. Muitos dias assim se repetiram e se repetem no cotidiano da Vila Leste. Eu mal sabia o que nos esperava durante aquele trajeto. (Registro de Campo).

[6] Título da dissertação de mestrado, defendida, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, sob a orientação do Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP.
[7] As páginas que se seguem são partes integrantes da dissertação de mestrado.

O meu primeiro contato com a Vila Leste foi estabelecido no ano de 2006, quando participei de uma denominação pentecostal no Itaim Paulista. A zona leste de São Paulo sempre foi um lugar desconhecido, pois sempre residi na região oeste e o máximo que conhecia da zona leste era a região de Itaquera. Descobri que havia um "outro mundo" para além das fronteiras de Itaquera: Guaianazes, Itaim Paulista, São Miguel Paulista, Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos, Suzano, Poá e Mogi das Cruzes. Todas essas regiões eu conhecia somente dos mapas dos trens da CPTM[8]. Após conhecer minha esposa, que residia na região leste e frequentava a igreja que deu base inicial a esta pesquisa, iniciei uma etapa totalmente nova em minha vida: comecei a frequentar a zona leste e uma denominação pentecostal local.

Essa dupla transformação me colocou diante de diversos obstáculos; primeiramente constatei que na igreja havia diversos indivíduos que tiveram ou tinham relações diretas com o PCC, e a identidade pentecostal desses sujeitos não refletia uma definitiva ruptura com seu antigo ordenamento social - PCC (DA SILVA, 1993). Fiquei instigado ao constatar que diversos "irmãos" da igreja eram ou foram "irmãos" do "partido", e ser irmão em uma desses ordenamentos constituía uma ponte na qual a passagem de um lado para o outro é uma realidade do cotidiano da Vila Leste.

Era necessário ter acesso às ruas da Vila Leste, conhecer os seus atores, seu cotidiano e seus ordenamentos. Contudo, essa não era uma tarefa fácil, e as primeiras investidas para tomar contato com o ambiente da Vila Leste foram frustradas, e eu não conseguia acesso a campo.

Assim, busquei no campo uma dinâmica de ação das igrejas pentecostais e do PCC, considerando que esses dois ordenamentos partilhavam do mesmo espaço e não entravam em choque. Como já disse, conseguir acesso ao dia a dia da Vila Leste não foi de fato uma tarefa fácil; em primeiro lugar eu não conhecia o território, e em segundo lugar o meu contato com os seus moradores era intermediado (apenas) pela igreja.

Clifford Geertz, em A Interpretação das Culturas (1989), apresenta as dificuldades enfrentadas para ser aceito na comunidade balinesa para estudar os ritos ali praticados. Assim que o antropólogo chegou à comunidade balinesa, em 1958, com sua esposa, os moradores da aldeia não se comunicavam com os visitantes. Durante muitos dias, Geertz e sua esposa não se comunicavam com os moradores da aldeia e o silêncio e a indiferença dos aldeãos preocupava o antropólogo e sua companheira.

[8] Companhia Paulista de Trens Metropolitanos.

> Exceto por nosso senhorio e pelo chefe da aldeia, do qual ele era primo e cunhado, todos os demais nos ignoravam de uma forma que só os balineses conhecem. Enquanto caminhávamos sem destino, incertos, ansiosos, dispostos a agradar, as pessoas pareciam olhar através de nós. Praticamente ninguém nos cumprimentava, mas também ninguém nos ameaçava ou dizia algo desagradável, o que seria algo até mais agradável do que ser ignorado (GEERTZ, 1989: 185).

Minha situação era semelhante à enfrentada por Geertz, não tinha acesso ao território da Vila Leste, eu "era um de fora" [9] querendo saber o que ocorria em um local com o qual eu não tinha nenhum vínculo ou laço.

O fator que propiciou a Geertz ter acesso e contato com os membros da comunidade de Bali foi resultado de uma invasão da polícia balinesa a uma rinha de galos, da qual Geertz, sua esposa e centenas de balineses, assistiam. A rinha de galo é um dos eventos mais prestigiados pelos balineses, mas ilegal segundo as leis locais.

Geertz conta que:

> No meio da terceira rinha, com centenas de pessoas a volta, inclusive eu e minha mulher, ainda transparentes, um superorganismo, no sentido literal da palavra, um caminhão cheio de policiais armados de metralhadoras, surgiu como bloco único em torno da rinha. Por entre os gritos estridentes de "polícia! polícia!" proferidos pela multidão, os policiais saltaram do caminhão, pularam para o meio da rinha e começaram a apontar as suas armas ao redor, como *gansters* num filme, embora não chegassem a dispará-las. O superorganismo desmanchou-se rapidamente, espalhando seus componentes em todas as direções. As pessoas corriam pela estrada, pulavam muros, escondiam-se sob plataformas, enroscavam-se por trás de biombos de vime, subiam nos coqueiros. Os galos, munidos de esporões de aço afiados o bastante para arrancar um dedo ou fazer um buraco num pé, espalharam-se ao redor, selvagemente. A poeira e o pânico eram tremendos (GEERTZ, 1989: 186).

Geertz podia se aproveitar da situação e apresentar-se como pesquisador para os policiais e escapar da perseguição, mas sua reação foi seguir os movimentos dos integrantes da rinha e correr com sua esposa, ação que foi vista pelos balineses como digna e foi o que lhes proporcionou a aceitação da comunidade.

Geertz continua:

> Na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós. Não só deixáramos de ser invisíveis, mas éramos agora o centro de todas as atenções, o objeto de um grande extravasamento de calor, interesse e, principalmente, de diversão. Na aldeia, todos sabiam que havíamos fugido como todo mundo. (...) acima de tudo, todos eles estavam satisfeitos e até mesmo

[9] Expressão cunhada por Kadu após o episódio do falso sequestro que será tratado adiante.

> surpresos porque nós simplesmente não "apresentamos nossos papéis" (eles sabiam sobre isso também), não afirmando nossa condição de Visitantes Distintos, e preferimos demonstrar nossa solidariedade para com os que eram agora nossos coaldeões.
> Em Bali ser caçoado é ser aceito. Foi justamente o ponto da reviravolta no que concerne ao nosso relacionamento com a comunidade, e havíamos sido literalmente "aceitos". Toda a aldeia se abriu para nos (...) (GEERTZ, 1989: 187).

O momento que de certa forma me impulsionou para realizar esta pesquisa de campo foi uma curiosa história na qual me envolvi na Vila Leste.

No ano de 2007, uma igreja pentecostal da Vila Leste organizou um evento de cultura hip-hop em uma escola estadual do bairro do Itaim Paulista. O evento contou com diversos grupos de rap e de dança, e na quadra da escola havia dezenas de participantes quando decidimos almoçar. Dei carona ao Kadu[10] e a alguns de seus amigos até a sua casa na Vila Leste.

Após deixá-los, e já a caminho da casa dos meus sogros, meu sogro (eu soube depois) recebeu um telefonema com a notícia que minha esposa e eu havíamos sofrido um sequestro, e para nos libertar, os "sequestradores" pediram a ele uma alta quantia em dinheiro. Sem reação, meu sogro desligou o telefone e entrou em contato com o pastor da igreja que informou que havíamos saído para o almoço junto com o Kadu e alguns amigos.

Meu sogro tentava contato com meu telefone celular e com o de minha esposa, mas ambos não completavam a chamada, então ligou para Kadu, perguntando se estávamos com ele, e foi informado de que há poucos minutos havíamos saído de sua casa.

Kadu foi informado pelo meu sogro do possível sequestro e rapidamente acionou uma rede de procura em diversos cativeiros da região do extremo leste. Cativeiros do Itaim Paulista, São Miguel Paulista, Guaianazes e Ferraz de Vasconcelos foram inspecionados, e não nos encontraram.

Sem saber de nada, minha esposa e eu chegamos à casa de meu sogro e, assustados com a reação de todos, fomos informados do que havia ocorrido.

Em poucos minutos, dezenas de pessoas chegaram até a casa de meu sogro e souberam que o episódio se tratava de um falso sequestro. Ficamos impressionados com a rapidez da ação e a agilidade de contatos. Pouco tempo depois, Kadu soube que a ação do falso sequestro foi organizada por um ex-funcionário de meu sogro. O rapaz foi convocado a dar explicações de sua ação para membros do "partido" e, graças ao clamor de sua família e do meu sogro, nada lhe ocorreu.

[10] Kadu, "irmão" do PCC e também "irmão de uma igreja pentecostal, sua história e trânsito nestas duas redes de engajamento foi retratada no primeiro e segundo capítulo.

Assim como Geertz na rinha de galo, o episódio do falso sequestro acabou sendo alvo de gargalhadas e aceitação comunitária. Os moradores da Vila Leste sabiam do ocorrido e passaram e me perguntar sobre o evento. Em diversos momentos da pesquisa de campo, as entrevistas iniciavam com um café e comentários sobre o falso sequestro, o que de certa maneira quebrava a austeridade desses encontros e criava uma ligação entre mim e eles. Na época, eu ainda não portava um diário de campo, mas sabia da importância de registrar os eventos que presenciava na Vila Leste. A partir do falso sequestro, passei a registrar uma série de eventos que presenciei direta ou indiretamente.

A participação do Kadu me deixou intrigado por dias. Como ele, sendo "irmão" da igreja, podia estabelecer laços tão estreitos com os "irmãos" do partido? Sempre soube pelos "irmãos" da igreja que Kadu tinha sido um "irmão" do partido e, por razões diversas, houve um rompimento entre ele e o PCC. Mas essa separação não pareceu nada palpável a mim no dia do falso sequestro. A autoridade que o Kadu exerceu no episódio foi como "irmão" ou "ex-irmão" do PCC? Onde ficava o "irmão" da igreja nesta relação?

Essas perguntas iniciais me cercaram por anos, e em diversos momentos algumas foram respondidas.

O campo de pesquisa

Breve história da Vila Leste

> Antes de morar na Vila Leste eu vim da Mooca, depois que encerrou o serviço do meu marido tivemos que mudar. Antes ele tinha uma casinha que era de doação do patrão que deixou a gente morar lá, de lá viemos para o Itaim Paulista, do Itaim viemos para a Vila Leste, só que teve um processo, a gente teve vários problemas, o José ficou desempregado e a gente pagava aluguel, a proprietária da casa vinha buscar o dinheiro e a gente não tinha. Eu tinha uma vizinha, uma senhora que falou assim pra mim: Dona Margarida vamos fazer um barraco na Vila leste, eu respondi: Onde é isso? Ela me falou é uma área invadida, então eu disse: vamos, descemos até para ver o lugar. Só que lá era assim: tinha as pessoas que moravam nas casas particulares lá em cima e nós íamos morar lá em baixo, no terreno invadido, eles plantavam, faziam plantio na área de baixo. Então eles cederam o terreno pra gente, entendeu?
>
> Foi onde eu consegui fazer o meu barraquinho, isso foi lá para 1970 alguma coisa assim. Na época eu tinha a Maria, o Kadu e a Camila, a Maria tinha uns três anos na época. No começo era bom, era tranquilo, era tudo mato ali, e depois com o passar do tempo, foi chegando pessoas, até então era eu, minha comadre que já morreu e um espanhol que foi embora para a Espanha e cedeu o seu barraquinho para alguém. (Dona Margarida, entrevista realizada em abril de 2012).

A favela da Vila Leste localiza-se no Itaim Paulista, extremo leste da cidade de São Paulo. Segundo dados oferecidos pela Coordenação das Subprefeituras do município de São Paulo, o bairro do Itaim Paulista é composto por uma área de 12,22 Km²[11], com uma população estimada em 225 mil habitantes; sua densidade demográfica é equivalente a 19,5 Hab./KM[12]. Afastado do grande centro e negligenciado pelos poderes públicos, o bairro do Itaim Paulista apresenta elevadas taxas de múltiplas manifestações de descaso público e violência.

Essas informações nos revelam um bairro com uma população significativamente elevada e que se espreme em uma pequena área de terra. Os moradores da favela da Vila Leste se apertam entre as vilas e os bairros que compõem o Itaim Paulista. Segundo os dados da Prefeitura, a região surgiu com o desmembramento de uma fazenda e o loteamento de suas terras no ano de 1967. No entanto, há conflitos nessas informações se compararmos ao que nos relataram os próprios moradores. Segundo eles, a favela sempre foi esquecida pelas autoridades públicas e o único representante do Estado que se apresenta ali é a força e a repressão policial; desde o início de sua ocupação até os dias atuais, os moradores da região sofrem com o descaso das autoridades públicas.

> Eles quase nunca vêm aqui e quando aparecem é unicamente para pedir votos. O Governo deixou isso sem nenhuma preocupação com os moradores. É uma falta de respeito, sempre falta água e o caminhão do lixo não desce, é desumano (Dona Margarida, entrevista realizada em abril de 2012).

A favela é composta majoritariamente por migrantes nordestinos que buscaram em São Paulo melhores condições de vida; com baixa ou nenhuma escolarização, homens e mulheres largaram mão dos estudos em troca do trabalho para a manutenção da família. Seus filhos em muitos casos deixaram a escola graças à necessidade de auxiliar na renda familiar, desmotivados com a falta de qualidade da educação e estímulo para continuarem os estudos, largaram a escola e encontraram nas *redes sociais* disponíveis um sentimento de pertencimento.

> Aqui eu sou respeitado, todo mundo me conhece e sabe o que eu faço, na escola, nada que eu fazia que era certo, sempre estava errado e culpado por tudo, assim saí da escola e hoje to aqui no partido, me arrependo porque deveria aprender mais, ler essas coisas, mas não ia dar, não ia me adaptar a escola (Beto, entrevista realizada em abril de 2012).

[11] Informações obtidas do site da Prefeitura de São Paulo, acessado em 15/08/2011.
[12] Idem.

Nas diversas visitas à campo, foram entrevistados os membros da família da Dona Margarida, seu marido, "Seu José", e seus sete filhos. Dona Margarida é a primeira moradora da Vila Leste, e se orgulha de ser a referência da favela, mas nos revela em suas entrevistas os momentos difíceis enfrentados pela família em mais de trinta anos no bairro. Tive o privilégio de passar horas em companhia dos membros dessa família, ouvi-los e aprender com suas experiências de vida. A cada visita à campo eu retornava com a certeza de que existe um abismo para ser decifrado, onde o respeito, o cuidado e a confiança constituem-se elementos motores para a inserção no cotidiano familiar.

A favela dispõe de uma escola Estadual[13] e não há nenhum espaço destinado para lazer[14], cultura ou esporte; os moradores buscam improvisar meios alternativos de lazer, esporte, e encontram *nas redes sociais* mecanismos de superação das dificuldades encontradas no cotidiano e a construção de redes de sociabilidade e proteção.

Carlos, um dos filhos de Dona Margarida, retrata como foi a sua infância na Vila Leste: "A infância foi boa, era soltar pipa, carrinho de rolimã, entendeu? Jogar bola, jogar fliperama, a infância era boa" (Carlos, entrevista realizada em julho de 2012).

É possível verificar que a fala de Carlos retrata os aspectos positivos da infância, mas também relata o abandono da região e dos moradores por parte das autoridades públicas. Fala de como ocorre o ingresso no "mundo do crime" e da importância das amizades (envolvência) para a iniciação no que ele chama de "mundão".

> Eu cresci com uns caras que foram para o outro lado, a amizade continua a mesma com aqueles que continuam vivos, mas eles foram para o mundão do crime porque não tiveram oportunidade, é que nem eu falo, as amizades entendeu? A gente se desencontrou, na época eu era menor de idade, molecão, hoje em dia, depois que eu cresci, uns foram para um lado, outros para outro, uns foram preso, outros já morreram. Você esta passando um veneno, não tem nada, ai as amizades te levam para o lado ruim. Eu acho que muitos entraram nessa vida também por embalo, por envolvência, se envolve assim, entendeu? Quando vai ver já se envolveu com o outro e tal e quer ser a mesma coisa que o outro e quer ir para o crime, quer ir para o arrebento. A falta de oportunidade falta de dinheiro também. Eu acho que se se as coisas fossem diferentes aqui seria outra coisa, aqui não tem nada mesmo, você acaba deixando se envolver, o mundão vai fazendo a sua cabeça. Aqui ninguém lembra de nada, deixam o povão se ferrar aqui e já era, a molecada não tem nem um lugar pra se divertir, não da pra jogar bola, não um lugar para ocupar a mente, assim é embaçado, é lógico que a envolvência vai falar mais alto, entendeu? (Carlos, entrevista realizada em julho de 2012).

[13] Escola Estadual Professor Antônio dos Santos.
[14] A quadra da Escola Estadual é invadida por moradores que pulam os muros com o objetivo de jogar futebol durante o final de semana.

Para Carlos, são as amizades as responsáveis por levar as pessoas para o "lado ruim". É interessante destacar que Carlos apresenta razões socioeconômicas e políticas como determinantes, mas destaca a falta de espaços destinados ao lazer: "não há lugares para jogar bola e ocupar a mente". Ele acena com a falta de oportunidade e de dinheiro como contribuintes para a entrada dos jovens no "mundão do crime", mas as amizades são determinantes em sua opinião, a chamada "envolvência". Como não há espaços para lazer, "para fazer a cabeça da molecada pro lado positivo", a envolvência no "mundo do crime" acaba por arrastar os jovens para experiências que poucos conseguem posteriormente sair. Carlos foi um dos poucos, e em sua explanação ele enfatiza que continua a amizade com aqueles que continuam vivos, assim percebemos "que muitos morreram e tantos outros estão presos".

> Se tivesse escola, espaço para esporte, um lugar para lazer ninguém ia fazer nada errado, entendeu? Como aqui não tem nada, nem um lugar para fazer a cabeça da molecada para o lado do bem, eles vão para o lado do mal, é assim, entendeu? (Carlos, entrevista realizada em abril de 2012).

A falta de acesso a práticas esportivas, o fracasso escolar, a ausência de espaços culturais, segundo Carlos, tornam-se os elementos impulsionadores para lançar o indivíduo no "mundo do crime", além das amizades, como os jovens não tem nenhum lugar para "fazer a suas cabeças para o lado do bem", sobra, portanto, segundo Carlos, o lado do mal, do "mundo do crime".

Outro elemento constitutivo do cenário da Vila Leste são as igrejas pentecostais, que ocupam um papel de extrema relevância no cotidiano dos moradores. De certo modo, acabam por contribuir com as lacunas que Carlos revela. As atividades realizadas pelas diversas igrejas pentecostais acabam desenhando um cenário de movimentação e agito na Vila Leste.

> Equilibrado num barranco incômodo, mal acabado e sujo, porém seu único lar, seu bem e seu refúgio". (...) "Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal". (...) "Um pedaço do inferno aqui é onde eu estou". (...) "Até o IBGE passou aqui nunca mais voltou (Racionais Mc's, 1994).

O excerto da letra do grupo de RAP Racionais Mc's é um retrato das condições de muitas moradias dos moradores da favela da Vila Leste, sobretudo os morados da parte baixa. A favela é dividida em duas partes: a parte alta com moradores em casas regulares e em "melhores" condições de vida, pois ali não há barracos, há coleta regular de lixo, rede de esgoto, água potável e energia elétrica; já na parte baixa se concentra os barracos e as

piores condições de moradia, higiene e vida, quase não há água potável, muitas casas e barracos não oferecem condições adequadas de moradia e não há rede de esgoto. Como a favela se encontra nas margens de um córrego, não canalizado, é comum sentirmos o "cheiro horrível de esgoto nos quintais" das casas.

A população não recebe nenhum tipo de serviço de orientação para o tratamento da rede de esgoto. É comum os moradores arremessarem lixo de suas casas direto no rio. Em dias de chuva, a situação piora, pois os riscos de contaminação são consideráveis. Em nenhum momento da pesquisa de campo constatamos equipes da Prefeitura realizando limpeza do córrego, tampouco registrei a coleta de lixo nas casas e barracos da parte baixa da favela.

Denise, uma das filhas de Dona Margarida, retrata como era o barraco que a família morava antes:

> A gente morava em um cômodo só né e éramos sete, e era uma situação difícil, devido nós morarmos em um barraco para sete pessoas, então não tinha muito espaço, na verdade eu dormia embaixo da mesa, o Kadu dormia na beliche que tinha, na verdade o barraco que a gente morava só cabia um fogão, um armário, uma beliche a cama da minha mãe e uma estante, mais nada. Não tinha cama, eu, por exemplo, dormia embaixo da mesa, num colchão bem fininho, tipo colchonete, minha mãe colocava papelão, então, foi uma época muito difícil, na época só meu pai trabalhava minha mãe também trabalhava, mas era apenas para comprar roupa, isso quando dava (Denise, entrevista realizada em julho de 2012).

O barraco apresentado por Denise é semelhante a descrição que há na letra da música do grupo Racionais Mc's. Os primeiros moradores da Vila Leste construíram suas famílias "equilibradas em um barranco incômodo, mal acabado e sujo, porém seu único lar, seu bem e seu refúgio".

A dedicação de Dona Margarida para a construção de seu barraco foi retratada em vários momentos das entrevistas. Sempre que possível, Dona Margarida salientava o processo de construção do barraco e o orgulho de ter um local para abrigar a família. A descrição de Denise revela que embora seja um ambiente de amor e familiar, as condições de moradia de sua família e dos outros membros da favela Vila Leste eram precárias.

Alguns entrevistados desta pesquisa me informaram que a coleta de lixo é realizada somente na entrada da favela, na parte alta, não há entrada de caminhões de coleta de lixo na favela (parte baixa), e os moradores que não conseguem carregar o lixo de seus barracos e casas até o ponto de passagem dos caminhões da Prefeitura acabam jogando o lixo no córrego. As vezes mutirões são organizados, mas no geral, assistimos a dispensa do lixo no próprio córrego que corta a Vila Leste. Diante desse cenário caótico, as ações de

políticas públicas direcionadas para as periferias, surpreendentemente, concentram-se unicamente na repressão policial. Como consequência, os próprios moradores buscam meios de organização e superação. Porém, para algumas situações não há subterfúgios, e a inexistência de espaços para lazer e atividades de cultura, a questão da canalização da água, a coleta de lixo, a falta de atendimento jurídico, etc., promovem um cenário de enorme carência na população.

Não afirmamos que exista propriamente uma negação do Estado, mas sua operação ocorre a partir de um único ponto de observação: a questão do combate à criminalidade, que sem dúvida é uma das piores coisas que há nas regiões periféricas das grandes metrópoles, todavia, isso é só uma pequena parte de tudo o que a população carente necessita. Além disso, muitas vezes o cidadão trabalhador, ou até o desempregado, é confundido e tratado como criminoso por parte da força policial, atitude recorrente nas periferias brasileiras e que denota a miopia do Estado para com a verdadeira situação das populações residentes nas periferias. Uma das consequências de tal negligência assenta-se na concorrência das leis do Estado Democrático de Direito com outros empreendedores morais (BECKER, 2008), entre eles o PCC e suas leis[15] ditadas em seu estatuto e ordenadas através de seus interlocutores na Vila Leste.

Em regiões periféricas, como a Vila Leste, observa-se que as ações de legalidade do Estado passam por um processo de ressignificação. O legítimo torna-se ilegítimo e o ilegítimo é legitimado a partir de negociações, tramas de poder e disputas cotidianas. Quando policiais militares – legítimos portadores das normas e regras do Estado Democrático de Direito adentram nestas regiões, estes indivíduos são responsáveis por construção de novas representações do Estado, resignificando-as a partir de suas ações.

Muitos moradores reclamam de subornos que policiais militares cobram de menores pegos usando drogas ou pilotando motos sem habilitação. Quando há abordagens policiais de “envolvidos” no tráfico de drogas, é comum verificarmos policiais que, em vez de encaminharem os indivíduos até a delegacia, calam-se em troca do recebimento de propinas.

A legitimidade dos representantes do Estado é transformada e invertida, tais atores (policiais militares) tornam-se ilegítimos à medida que suas práticas são construídas em bases corruptivas e fundamentadas no abuso de poder. Por outro lado, a ilegitimidade do

[15] Adotamos o uso da expressão “lei do partido”, “lei do PCC” a partir das referências dos entrevistados em pesquisa de campo, sabemos do debate que gira em torno do uso do termo (BIONDI, 2010; DIAS, 2011; MARQUES, 2009) e buscaremos problematizar o conceito a partir de debates posteriores.

PCC é transformada e legitimada, à medida que tais atores constroem redes de proteção e ajuda mútua aos moradores e comerciantes da Vila Leste.

Implicações no campo de pesquisa

> Estava na casa do Kadu para uma entrevista sobre sua conversão e, como de costume, o som estava muito alto com um rap nacional. Kadu prepara um café e deixa o aparelho de DVD ligado com vários clips. Enquanto prepara o café, alguma coisa lhe chama atenção na televisão. Retorna para a sala e diz: Eu tenho uma arma igualzinha essa do clip. Olho para a televisão e a cena do clip retrata uma ação de roubo com diversas armas. Kadu insiste: O meu 38 é igualzinho esse, vou te mostrar. Rapidamente sobe até seu quarto e me mostra a sua arma. Retira todos os cartuchos e insiste na semelhança entre a sua arma e a do clip. Olhe só, não é igual?
> Essa aqui é a única que sobrou, o meu xodó, não largo dela. Tinha várias, um monte, mas agora só me sobrou essa. Mas é igual a do clip, não é?
> Fiquei um pouco assustado, pois iríamos discutir sobre sua conversão e suas atribuições na igreja. Como ele esperava orgulhoso uma resposta minha, acabei soltando: Parece mesmo, mas por que você tem uma arma em casa, você não está correndo com a igreja? Sem dizer nada, Kadu pega a arma, sobe ao quarto, me serve o café e diz:
> O que você quer saber mesmo? (Registro de Campo).

A figura do Kadu sempre me colocou diante de alguns dilemas: quais os posicionamentos que o pesquisador deve adotar no momento da realização da pesquisa? É realmente necessário deixar os interlocutores informados dos procedimentos de nossos olhares, o que captamos na pesquisa e como filtramos experiências que ocorrem em seu interior.

A postura de Kadu em buscar em seu quarto uma arma de fogo aumentou tais dilemas, nossa “relação” de aproximação com o tempo me colocou diante de vantagens que certamente outro pesquisador não poderia desfrutar. Mas aí surge a pergunta: quais os limites éticos de tais vantagens? Nas caminhadas pela Vila Leste, tenho o privilégio de estar com Kadu, seus contatos, amigos, “parceiros” me são apresentados juntamente com o universo da Vila Leste e de seus diversos “empreendedores morais” (BECKER, 2008). Em momentos diversos, tais aproximações colocaram-me frente a frente com situações que os limites do pesquisador foram questionados. Até que ponto minhas aproximações revelavam certo adensamento com o objeto? Tal aproximação não carece de um filtro para a análise dos dados? Como estabelecer tal filtro? As minhas observações exigiam um modelo, mas qual adotar? Observação declarada ou não declarada?

O privilégio de conhecer Kadu e sua família colocou-me, também, diante de algumas obrigações éticas. A principal delas consistia em não expor nenhum membro de sua família

e não revelar nenhuma informação pertinente à sua localização, tampouco de seus "irmãos" e parceiros. Tais preocupações foram seguidas à risca e, por eu de fato não ter comentado nenhuma das dezenas de experiências presenciadas em campo com Kadu, foi que tive oportunidades de presenciar diversas práticas e condutas que e escapariam do papel de um pesquisador, digamos, "convencional".

E como descrever tais experiências? Kadu e sua família deveriam ser informados das minhas observações? Se tais sujeitos soubessem da observação declarada, as diversas experiências vivenciadas em campo seriam possíveis?

Tais perguntas estão longe de serem respondidas. Em cada uma das vezes em que me dirijo à Vila Leste, penso comigo mesmo: quem está a caminho? Conheço a dupla personalidade de Kadu (o irmão que virou irmão), mas muitas vezes me ocorre que ela se confunde com a dupla vida do pesquisador.

Considerações finais

O cotidiano da Vila Leste apresenta diversos desafios para os pesquisadores, uma série de mudanças são constatadas e os modelos apresentados para compreender a realidade social esgotaram-se diante de tais transformações. Quando verificamos em campo o esgotamento dos modelos teóricos para explicação das diversas realidades sociais, percebemos que está na hora de apresentar novos modelos, propor novos paradigmas, mas sem a pretensão de, com essas novas propostas, sermos capazes de esgotar a complexidade social do tema.

Esse cenário vem sendo verificado nos estudos sobre o pentecostalismo. O modelo de três ondas de Paul Freston (1993), se mostrou ineficaz, para explicar a realidade histórica do pentecostalismo brasileiro, ao tentar compreender a sua atual conjuntura. Novas[16] pesquisas apresentam a complexidade do campo pentecostal (ALENCAR, 2012) e revisitam os "mitos fundantes" que gravitaram em torno dos estudos sobre o pentecostalismo. Para além de estudos históricos, há diversas pesquisas que colocam o binômio de conversão ao pentecostalismo (conversão = ruptura) sob suspeitas. Não afirmamos que tais pressupostos não são válidos, mas pesquisas atuais apontam diversos cenários de mudanças, que urgem por serem avaliados a partir de novos modelos teóricos.

[16] O Grupo de Estudos Protestantismo e Pentecostalismo – GEPP do Programa de Ciências da Religião PUC-SP, sob coordenação do Professor Doutor Edin Sued Abumanssur, vem realizando diversas pesquisas a fim de apresentar novos olhares sobre o campo pentecostal. Teses já foram publicadas e há dissertações e teses em andamento, todas mostrando a preocupação em compreender a complexidade do pentecostalismo a partir de novas pesquisas de campo.

A conversão de Kadu é um exemplo de transformação no interior do pentecostalismo e da conversão, a sua dupla irmandade (irmão do PCC e irmão da igreja) revelou implicações teóricas e práticas no campo de pesquisa empírica.

A entrada no campo da Vila Leste ocorreu através do intercâmbio de Kadu, e a partir disso tive acesso à sua família e aos seus diversos irmãos (do partido e da igreja). No entanto, esse privilégio trouxe-me implicações éticas. Como descrever as diversas experiências presenciadas na Vila Leste? Qual das *personas* deste pesquisador esteve presente nas inúmeras situações relacionais ocorridas durante este trabalho? Presenciei situações em campo nas quais, para Kadu e os demais sujeitos envolvidos, minha presença era tida como a de um irmão de igreja, ou um mero companheiro, que frequentava sua casa, convivia com seus familiares, jogava videogame com seu filho e acompanhava boa parte de sua trajetória, a trajetória do "irmão de igreja" que também é "irmão do Partido". Para Kadu, em muitos momentos, eu não era um pesquisador que estava em sua casa, mas um companheiro que, entre outras coisas, estudava religião.

Curioso observar que as entrevistas oficiais, nas quais eu era declaradamente um pesquisador, tiveram resultados menos positivos do que as conversas informais que mantínhamos nos momentos em que eu caminhava ao lado de Kadu e de seus diversos "irmãos" e interlocutores partilhando de suas atividades cotidianas. Tais caminhadas não eram registradas através de um gravador ou com perguntas formalizadas, mas, a partir de tais oportunidades, o diário de campo desta pesquisa ganhou contornos inesperados e suficientemente válidos, não somente para a pesquisa, mas também como vivencia humana válida como aprendizado para o resto da vida deste pesquisador.

A dupla irmandade de Kadu revelou as diversas personagens vividas pelo pesquisador em campo. Muitas observações não foram declaradas, e quais as implicações éticas desse posicionamento?

Não é a proposta deste texto responder a essa e a outras questões, mas sim apresentá-las a fim de contribuir para fomentar os desafios futuros e aumentar o debate em torno da pesquisa de campo, os posicionamentos do pesquisador durante suas visitas e as implicações éticas de suas observações.

O texto buscou também apresentar a insuficiência de quadros teóricos para explicar a complexidade constatada no campo pentecostal (dupla irmandade de Kadu), e como tais mudanças revelam a necessidade de modelos e teorias a partir de novas entradas de campo.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus*: Teorização, história e tipologia – 1911-2011. Tese de Doutorado, PUC-SP: 2012.

BECKER, Howard S. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BILL, MV; ATHAYDE, Celso; SOARES, Luiz Eduardo. Cabeça de Porco, Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BIONDI, Karina. *Junto e Misturado:* Uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, 2010.

BOURDIEU, Pierre. "Sobre o poder simbólico". In: *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1987.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n.115. p, 139-154, março, 2002.
CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro.* Revista USP.

CESAR, Waldo e SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das Igrejas cristãs.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. "Por dentro (e de dentro) do Comando: O PCC segundo o 'nativo'. Resenha de Junto e Misturado: uma etnografia do PCC, de Karina Biondi". *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, n.8, v.3, abr-jun. 2010, p. 159-172.

_____. Da pulverização ao monopólio da violência: Expressão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. A Igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: Religião e violência na prisão: São Paulo: Humanitas, 2008.

FELTRAN, Gabriel de Santis*. Fronteiras de Tensão*: Política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Unesp: CEM : Cebrap, 2011.

FRESTON, Paul - *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas: 1993.

GERRTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil Urbano. In: RIBEIRO, Luiz C. Queiroz (Org.). Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. Rio de Janeiro: Fase, 2004a.

_____. Sociabilidade Violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. In: SILVA, Itamar (Org). *Rio*: a democracia vista de baixo. Rio de Janeiro, IBASE, 2004b.

_____. Criminalidade Violenta: por uma nova perspectiva de análise. Revista de Sociologia e Política, nº 13, nov. 1999.

_____. Violência Urbana: Representação de Uma Ordem Social. In: NASCIMENTO, Elimar P. do; BARREIRA, Irlys A. F. (Org.). Brasil Urbano: Cenários da Ordem e da Desordem. Rio de Janeiro: Notrya; Fortaleza: SUDENE/UFC, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço.* Cultura popular, e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

PERMAN, Janice E. *O Mito da Marginalidade:* favelas e políticas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

TEIXEIRA, Cesar Teixeira. *A construção social do "ex-bandido"*: Um estudo sobre a sujeição criminal e pentecostalismo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

_____. *Sociologia das Religiões*. São Paulo, Ícone, 2010.

WHYTE, William Foote. *Sociedade da Esquina*: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

Recebido em: 20/12/2013
Aprovado em: 06/01/2014